

## **A REPRODUÇÃO DA VIDA NAS ÁGUAS DO PARANÁ DE TERRA NOVA – CAREIRO DA VÁRZEA/AM**

**Cardoso, Ricardo de Jesus – Universidade Federal do Amazonas – UFAM**  
[ricardojc\\_geo@yahoo.com.br](mailto:ricardojc_geo@yahoo.com.br)

**Nogueira, Amélia Regina Batista – Universidade Federal do Amazonas – UFAM**  
[ab.nogueira@uol.com.br](mailto:ab.nogueira@uol.com.br)

Parte de um projeto maior, denominado “Lugar e cultura: a produção da vida no Careiro da Várzea”, ainda em andamento, a iniciativa deste trabalho é propor algumas reflexões a respeito da reprodução da vida nas águas de Paraná de Terra Nova, Careiro da Várzea/AM. Partindo da proposi o de que os fen menos "devem primeiro serem vividos para serem compreendidos como eles realmente são" (WILD apud RELPH, 1979, p. 01), procuraremos compreender a organiza o produtiva dos ribeirinhos que habitam o Paraná de Terra Nova como um reflexo da inser o do homem no mundo. Neste sentido, o lugar onde se desenvolve a pesquisa está sendo interpretado, não apenas em seus aspectos naturais ( gua, solo, floresta, etc.), mas como lugar de vida onde homens e mulheres os produzem cotidianamente. Para efetivar nossas investiga es, interrogamos os habitantes do Paraná de Terra Nova a respeito de suas técnicas para o uso agrícola da várzea, da pesca, técnicas de moradias, assim como a importância do regime fluvial na vida desses moradores. Logo, estamos considerando as narrativas e informa es que os moradores têm do lugar e das paisagens que constituem seu mundo vivido diário, somando às referências bibliográficas dos órgãos governamentais e não governamentais.

Para fundamentar nosso trabalho, recorremos a autores que procuram discutir a abordagem cultural dentro da Geografia, especialmente aqueles que, entre os quais destacamos Nogueira A. (2001), priorizam os pressupostos fenomenológicos para compreender as categorias: percep o, mundo vivido, representa o e lugar. Tal linha de trabalho está alicerçada na valoriza o das experiências concretas do homem com o mundo, onde “entendendo este como ser, e o mundo como lugar de vida de cada ser, de cada homem, e entendendo, ainda, que este homem se constrói nessa correla o Ser-Mundo, trazemos esta proposi o para a Geografia e podemos pensar que o conhecimento elaborado nesta rela o revela uma geograficidade em cada sujeito” (NOGUEIRA, 2001, p. 24). Geograficidade “refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas ou naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixa o existencial” (DARDEL, 1952 apud NOGUEIRA, 2001).

O município do Careiro da Várzea, criado pela lei n  1.828 de 30 de dezembro de 1987, quando se desmembrou do município do Careiro, “tem sua sede de município a uma distância de Manaus, partindo do porto principal, o porto flutuante do Roadway e dependendo da potência do motor de barco, aproximadamente de uma hora, o que significa, em termos de circula o pelo rio Amazonas ter percorrido cerca de 20 km rio abaixo” (NOGUEIRA, 2001, p. 113). Além do município de Manaus, situado ao norte do Careiro da Várzea, este se limita ainda ao sul com os municípios do Manaquiri e Autazes, ao leste com Itacoatiara, a oeste com o Careiro e Iranduba. Já o Paraná (“braço” do rio com

saída pela montante e pela jusante do mesmo rio) de Terra Nova, Localizado ao norte do município do Careiro da Várzea, liga-se ao rio Solimões-Amazonas, inserido numa rede hidrográfica que tem uma característica marcante: o processo de enchente-vazante. Trata-se de dois períodos correspondentes a um ciclo, repetindo-se todo ano; em meados do mês de junho tem início o período da vazante, “época da seca” para os habitantes do Paraná, que vai até meados do mês de dezembro, no restante do ano presenciamos a subida das águas, conhecida pelos moradores do lugar como “época das cheias”. Diante desse quadro, percebemos neste Paraná duas paisagens com características diferenciadas que vão refletir no modo de vida das pessoas que habitam as suas margens, exercendo suas atividades econômicas como a pesca, a agricultura e a criação de animais de pequeno e grande porte. Mas não é apenas nas atividades econômicas que se percebe a influência do regime fluvial na vida dessas pessoas; as técnicas de construção de moradias e meio de transporte, as atividades de lazer, confraternização e a própria relação com a fauna e flora do lugar também serão moldadas a partir dos desafios impostos pelo ambiente.

Podemos caracterizar a área do Careiro da Várzea como espaço da água que implica um domínio baseado na mobilidade e fluidez. Trata-se, como observa Dardel (apud RELPH, 1979, p. 11), de um domínio que está ao lado da vida – “onde quer que a água esteja ausente, o espaço é de algum modo incompleto e anormal; desertos e superfícies secas dos platôs calcários muito naturalmente sugerem a idéia de morte”. Inundando cerca de 80% da área do município, no período das cheias, a água dos rios é o elemento natural que mais interfere no modo de vida das pessoas que vivem no Paraná de Terra Nova. A esse respeito, Sternberg (1998) declara: “a proposição que sustentamos é a de que a água constitui o elemento da paisagem, através do qual mais agudamente se sentem as vinculações do homem com o meio... no Careiro e em regiões semelhantes, o significado da água para a comunidade toma relevo e assume aspectos muitos especiais”. Paraphraseando Nogueira A. (2001, p. 124), é perceptível a riqueza natural dessas águas que alimentam, diariamente, centenas de pessoas e enriquecem anualmente e naturalmente, através do processo de deposição fluvial, os solos de toda a região. É deste elemento natural que o homem ribeirinho extrai o que é necessário a sua existência. É sobre as águas que alguns moradores constroem suas moradias, os flutuantes. É ainda, através da convivência com as águas dos rios Solimões-Amazonas que os homens percebem sua dinâmica, modelando a natureza do lugar para responder às suas necessidades, reafirmando sua reprodução material. Sendo assim, as relações sócio-culturais construídas a partir de uma interação com as condições naturais do lugar refletem, por exemplo, na diversificação das atividades que os ribeirinhos desenvolvem, como a pesca, a agricultura, o extrativismo, a criação de pequenos e grandes animais e etc. A predominância da água na composição da paisagem no Paraná de Terra Nova revela, portanto, um mundo rico em vida, seja sócio-cultural, seja natural.

No Paraná de Terra Nova existem seis comunidades (Santa Rita, Santa Nossa Senhora de Nazaré, São Francisco, Santa Luzia e duas denominadas Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), nessas as principais atividades produtivas realizadas pelos seus habitantes são a agricultura, com o predomínio do trabalho familiar, a pesca e, em menor escala, a criação de animais de pequeno porte que se misturam em algumas propriedades com a criação de gado leiteiro e de corte. A variedade dessas atividades está diretamente relacionada, como enfatiza NOGUEIRA A. (2001, p. 123), com as

condições naturais deste lugar; tais como processo de enchente e vazante, de intensa erosão fluvial e deposição de sedimentos.

A fertilização das várzeas, áreas que recebem bastantes nutrientes minerais no período da enchente, tornam o solo extremamente aproveitável para a prática agrícola. Os agricultores do Paraná de Terra Nova trabalham a agricultura durante o ano todo, sendo que no período das cheias tem-se uma diminuição na exploração dessa atividade, devido à “falta” de terras para plantar, é quando passam a consumir a colheita obtida no período da vazante. A esse respeito, o senhor Raimundo Siqueira, agricultor, relata: “no inverno (período das cheias) nós não temos nada pra colher, né, falta terra, aí a gente fica se alimentando daquilo que a gente ganhou nesse período(vazante)”. Os terrenos das pessoas que se dedicam à lavoura é quase todo aproveitado para o cultivo, inclusive as frentes dos terrenos (foto 01), geralmente terra ganha com o processo de deposição de sedimentos. Tais deposições formam verdadeiras ilhas, como é o caso de trechos das comunidades Santa Luzia e de Santa Rita. A “praia” (como denominam os moradores aos depósitos de sedimentos) que surge na frente do terreno de alguma família é um espaço apropriado legitimamente por esta, pois “... A legitimação de apropriação individual dos espaços terrestres mutáveis é, em parte, social e corresponde a um nexos cultural. Há um entendimento geral, produzido por acordos verbais, em torno dessa prática” (NODA et al apud FRAXE, 2000, p.104). Ao tomar posse do terreno, essas famílias aproveitam a alta fertilidade do solo para a plantação.

Os tipos de culturas são variados e seus ciclos são relativamente curtos, variando entre dois a cinco meses, da preparação do terreno à colheita. Na falta de terras em determinados períodos do ano, a cultura de curto-ciclo, foi uma estratégia que os agricultores encontraram para driblar a falta de terras no período da enchente. Sendo assim, vamos encontrar nos espaços agrícolas do paraná as seguintes culturas: alface, couve, cebolinha, chicória, quiabo, feijão metro, pimenta cheirosa, pimentão, batata, pepino, repolho, maxixe, jerimum, mandioca, macaxeira, milho e variedades de árvores frutíferas (manga, côco, jenipapo, melancia, jambo, abacaxi, banana, etc.). As plantas de uso medicinais também fazem parte da produção agrícola, sendo cultivado os seguintes gêneros: mastruz, jambú, capim santo, hortelã, malvarisco, crajirú, amor crescido, etc. Essas plantas, além de serem destinadas para a comercialização, também compõe a farmácia dos moradores, pois para aquelas enfermidades mais comuns (como cefaléia, indisposição intestinal e enjôo) sempre tem um “remediozinho” no fundo do quintal, onde se não serve para curar, pelo menos serve para aliviar a dor do enfermo naquele momento.

Uma outra característica marcante na agricultura do lugar são os canteiros suspensos (foto 02). Trata-se de técnica tradicionalmente utilizada pelos ribeirinhos para continuar praticando agricultura no período das enchentes, quando as terras aráveis estão submersas. Então, quando a água vem subindo, alguns agricultores iniciam a construção ou reforma de canteiros, caixas feitas de madeira ou canoa em desuso, que ficarão suspensos, a uma altura suficientemente livre de inundação, comportando a plantação de hortaliças. No Paraná de Terra Nova é comum a presença desses canteiros próximos à casa dos moradores, principalmente daqueles que direcionam suas atividades predominantemente para a agricultura.

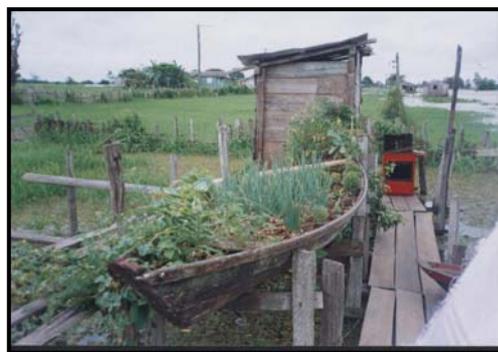
A produção agrícola voltada para a comercialização (foto 03) é escoada para as feiras de Manaus, ficando apenas o necessário para o consumo familiar. Quanto ao transporte, os agricultores utilizam barcos de linhas que circulam no paraná regularmente. Alguns agricultores preferem vender sua produ, mesmo obtendo uma menor lucratividade, para os chamados atravessadores (geralmente proprietários de barcos), pois não dispõe de meio de transporte próprio e nem de tempo para ir pessoalmente até Manaus e passar alguns dias comercializando sua safra, é o caso do agricultor Jean Vasconcelos, morador da comunidade de Santa Rita, que relatou o seguinte: “a gente vai pra Manaus vender o bagulho (os produtos agrícolas), passa quatro, cinco dia l, longe de casa, aí não fica ninguém pra trabalhar na plantação, n, que dizer, a gente acaba tendo prejuízo”. Por outro lado, é comum os comandantes comprarem a produção do agricultor ou ficarem responsáveis pela venda em Manaus, dividindo o resultado da venda com o dono da produção.



Foto 01 – agricultura na várzea/2005.

Foto 02 – canteiro suspenso/2005.

Autor: Cardoso, Ricardo.



Autor: Silva, Jivaldo.



Foto 03 – transporte da produção agrícola/2005.

Autor: Cardoso, Ricardo.

Nas guas do Careiro da Várzea, que possui, ainda, no seu interior um grande “lago despensa” ( uma espécie de reservatório para a fauna aquática do lugar), possui uma rica e diversificada ictiofauna, confirmando naturalmente a vocação do lugar para a prática pesqueira. De acordo com NOGUEIRA A. (2001, p. 120), “a alta produtividade da fauna aquática dos rios Solimões-Amazonas vem sendo aproveitada desde o século XVIII, fazendo com que a região do Careiro entrasse logo para a Geografia Econmica colonial, pois os lusos buscaram nas águas brancas do Solimões alimentos para as povoações do rio Negro, principalmente para abastecimento da antiga capital do Amazonas, Barcelos, localizada a dois dias do Careiro e a 350 quilmetros de distância no médio rio Negro”. Neste sentido, no período mencionado, a região do Careiro da Várzea tornou-se um centro

de pesca real, onde o atual “lago dos Reis ou Lago grande” cumpria o papel de pesqueiro Real do século XVIII. Este breve contexto histórico serviu-nos para afirmar a importância da pesca no Paraná de Terra Nova, geograficamente localizado entre a parte setentrional do “lago dos Reis” e margem direita do rio Solimões-Amazonas.

A prática pesqueira é rotina normal de um significativo número de famílias (foto 04) que habitam o Paraná de Terra Nova que a utilizam para o consumo interno e abastecimento da população local e da cidade de Manaus. Mas pescar nos lagos e igapós do Careiro da Várzea exige um conhecimento minucioso das suas peculiaridades e este conhecimento faz parte do cotidiano das pessoas que habitam as margens do paraná, pois estas possuem todo um conjunto de inventário da fauna aquática, fruto de uma experiência obtida através de uma convivência diária com a natureza do lugar. Tanto no lago dos Reis como nos igapós, ambos localizados nos fundos dos terrenos dos moradores, é comum flagrar homens, mulheres e, às vezes, crianças pescando com os mais variados instrumentos e técnicas de pesca. Quanto às crianças, Fraxe (2000) relata que “desde cedo, elas [meninos], entram na atividade pesqueira, quando acompanham o pai na canoa, servindo de remadores e, da observam e aprendem os locais, métodos e técnicas de pesca, que mais tarde lhes serão úteis. Possivelmente o extrativismo através da pesca seja a atividade que mais exige da percepção dos seus executores; é preciso saber o horário certo que o peixe poderá estar em um determinado lugar, o período do ano, os lagos que possuem determinado tipo de peixe e muita paciência, uma vez que não é todo dia que o “lago t pra peixe”. Neste sentido, os pescadores do Paraná de Terra Nova utilizam-se de variados instrumentos e técnicas de pesca, mesmo porque a variedade de peixes no lago dos Reis é numerosa. Sendo assim, os pescadores do lugar utilizam os seguintes instrumentos de pesca: caniço, arpão, flecha, zagaia, tarrafa, espinhel, malhadeira, etc. Esses materiais são feitos pelos próprios pescadores, com exceção da malhadeira que tanto pode ser feita pelo pescador quanto comprada no comércio de Manaus. Tanto no uso dos instrumentos de pesca como nas técnicas, homens e mulheres costumam ter preferências diferenciadas. As mulheres pescadoras utilizam instrumentos de pesca mais leve como caniço e zagaia, mas aquela que pesca para a comercialização também faz uso da malhadeira. Essas pescadoras pescam principalmente nos lagos e igapós próximos aos seus terrenos, enquanto os homens chegam a ir para lugares bem distantes, como o rio Madeira e Autazes, no rastro dos cardumes de peixes e captura de quelônios. Para a pesca em localidades distantes do paraná, os pescadores reúnem-se em grupo de parentes, compadres e amigos, dividindo o trabalho, o custo do transporte, assim como o resultado da pesca. Quanto aos motivos da pesca  longa distância, seu José Alves, pescador, revela: “todos nós pescamos mais longe (homens), as mulheres pescam mais perto de casa, mas os homens sai (vo para lugares distantes). Quando aqui t ruim, t difícil de peixe, nós sai pra aí pra baixo, sai pro Autaz, pro Madeira (rio), todos esses cantos. A gente não vive são da pesca daqui”.

O período da vazante constitui uma época muito boa para os pescadores que visam à comercialização do pescado, pois neste período estes permanecem mais tempo nos lagos, que por sua vez tem suas dimensões reduzidas, represando os peixes, suas margens chegam a recuar um quilmetro aproximadamente, segundo informações do pescador Antnio Carlos, ficando os peixes represados nos lagos restantes, é a “poca da fartura” cedida pela natureza. Já na enchente a pesca

passa a ser realizada principalmente nos igapós, uma vez que os lagos, em virtude da enchente, tornam-se contínuo, formando um grande lago, dispersando os peixes para os igapós.

As malhadeiras que são lançadas no lago dos Reis pelos pescadores atingem uma extensão em torno de 100 metros, ficam completamente entremeadas nos igapós. Este tipo de material de pesca é utilizado predominantemente pelos pescadores da pesca comercial, sendo amplamente acusado pelos pescadores do lugar como um dos grandes responsáveis pela diminuição da oferta de peixe nos lagos do Careiro da Várzea, conforme relata o senhor José:

“... só que o que acaba o lago é a malhadeira, em toda a parte do mundo, eu me refiro assim, porque já diminuiu muito a quantidade de peixe que eu alcancei aqui nesta época (enchente)... eu butar o espinhel dentro do igapó e pegar a canoa de tambaqui. Hoje já não existe, né, foi a malhadeira que fez isso. Hoje quem tem menos malhadeira, tem umas doze, treze malhadeira”. (Sr. José, pescador do lago dos Reis).

As árvores existentes nos igapós tem um papel importante na reprodução dos peixes no lago dos Reis, pois seus frutos servem de alimentos para algumas espécies, como o pacú e a sardinha. Através de sua percepção, os pescadores do lago sabem que no entorno dessas árvores frutíferas, como Capitari e Embaubeira por exemplo, é bom para pescar pacú e sardinha, então no período em que estas árvores estão dando frutos, os pescadores colocam a malhadeira próximo à árvore (foto 05) ou pescam com caniço. Esta observação é interessante na medida em que ela comprova a importância da floresta na reprodução da ictiofauna nas águas do Careiro da Várzea. Ainda no período da vazante, na “época do peixe farto”, registra-se um número significativo de aves (garças, gaiotas, marrecas, mergulhões, etc.) que enriquecem a paisagem dos lagos, denunciando, ainda, a presença de peixes e atraindo a atenção dos pescadores. Quanto a isso, o senhor Antônio Carlos, revela: “nesses capins (que ficam sobre as águas do lago), aonde tiver garça, geralmente tem tucunaré, ele (o tucunaré) vai fazendo tô, tô e aí camarão pula, é quando as garça aparam com o bico. A gente vê, vai até lá, joga o anzol, depois vem o tucunarezão”. (Antônio Carlos, pescador).



Foto 04 – prática pesqueira nos lagos/2005.  
Autor: Cardoso, Ricardo.



Foto 05 – a pesca realizada nos igapós/2005.  
Autor: Cardoso, Ricardo.

Conforme mencionamos anteriormente, a variedade de peixes distribuídos nos 62 lagos que compõe o grande lago dos Reis é notável, porém os pescadores do lugar privilegiam apenas um número reduzido de espécies, tanto para o consumo interno como para a comercialização. Dessa forma, as espécies de peixes mais pescadas no paraná de Terra Nova são as seguintes: jaraqui, pescada, pac, mapar, curimat, sardinha, tucunaré, tambaqui, surumbi, cará-au, dourado, branquinha,

matrixã, pirarucu, aracú, bodó, etc. Esses dois últimos são pouco apreciáveis para a comercialização e a pesca do pirarucu, dado sua diminuição numérica nos lagos, é cada vez mais difícil, exigindo grande perícia e paciência dos experientes pescadores do lugar.

De acordo com os relatos de pescadores, atualmente registra-se uma diminuição da oferta de pescado nos lagos. Estes responsabilizam a pesca realizada pelos barcos pesqueiros comerciais que fazem uso de técnicas de pesca, como malhadeira e batção (técnica de pesca predatória). Tais técnicas de pesca são priorizadas pelos pescadores da pesca comercial por terem uma grande capacidade de capturar um número significativo de peixes. Os pescadores estão percebendo os impactos causados pela pesca desenfreada, que não respeita nem o período da reprodução dos peixes, e suas ameaças para os moradores do lugar, notando em algumas lideranças locais, assim como em ações individuais e coletiva de pescadores, uma maior preocupação com a conservação dos lagos, configurando-se em ações como paralisações da atividade pesqueira na época do defeso (período de reprodução dos peixes que ocorre nos três primeiros meses do ano) e proibição da entrada de pescadores externos em seus lagos de pesca. Neste sentido, Graça Martins, líder comunitária, comenta:

“... o lago dos Reis mexe com tudo, dentro dele tem 62 lagos, todos tem nome, é uma imensidão aí dentro. O Cambixe, o Igarapé dos Reis, Marimba, tudo depende desse lago. A gente precisava de um estudo mais aprofundado pra organizar, pra dizer o que é certo e o que é errado pras pessoas, porque esse lago já foi muito rico. Na época do meu avô, a gente comia tambaqui. Hoje em dia, depois que surgiu as malhadeiras, acaba, pega os pequeninhos, o bicho não cresce. A gente não tem uma organização, alguma coisa sobre o lago dos Reis... a gente não quer proibir ninguém de pescar, a gente quer manter o controle, fazer o manejo, né, pra que todas seja beneficiadas”.

A fala da moradora Graça Martins revela a importância que tem o lago dos Reis para todas as comunidades que o circundam (Terra Nova, Cambixe, Marimba, Igarapé dos Reis, Costa da Terra Nova, etc.), sendo que estes coletivamente vêm se organizando para impedir a pesca discriminatória e garantir a conservação dos lagos.

Quanto à moradia, a dinâmica da natureza, impulsionada pelo regime fluvial, impõe um verdadeiro desafio na construção dessas no Paraná de Terra Nova. Aqueles moradores que “optam” por construir sua casa em terra temem as grandes cheias, já os que “optam” por construir suas casas sobre as águas do Paraná angustiam-se a cada vazante. Dessa forma, as técnicas de construção de casas no Paraná acabam refletindo uma resposta desses habitantes ao seu ambiente, pois, conforme assinala Buttimer (1976, p. 166): “habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza para o futuro, construir um lar que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa”.

Os moradores que moram às margens do Paraná, em terras sujeitas à inundação, preferem construir suas casas no período da vazante, entre os meses de setembro a dezembro. Tal preferência deve-se ao fato das condições favoráveis que o solo oferece neste período, estando mais compacto, portanto, propício à fixação de troncos que permitirão a suspensão do assoalho da casa, conforme relatou um construtor de casa do lugar: “a melhor época pra levantar casa é no verão quando a terra tá seca, já

na época da chuva é ruim por causa que a terra tá mole”. Casas localizadas em terra com uma altura elevada (foto 06), é uma estratégia dos moradores para evitar a inundação destas pelas águas nos períodos das grandes cheias, sendo que é prática comum na época das cheias flagrar moradores construindo assoalhos mais altos, prevendo já a chegada da água no piso de sua casa. Por medida preventiva, as casas são construídas um pouco distante das laterais do Paraná, para evitar os deslizamentos freqüentes de terras que ocorrem no lugar. As madeiras aproveitadas para a construção das casas são oriundas de Manaus e Autazes (terra-firme) ou derrubam-se árvores existentes no fundo dos terrenos. No caso das madeiras adquiridas em Autazes, existe um barco madeireiro que vem periodicamente ao paraná comercializar as encomendas de madeiras feitas pelos moradores. Os tipos de madeiras mais utilizadas são as seguintes: Jacareba, Loro-mamori, Itaba, etc. Observa-se que predominantemente as casas possuem varandas de um lado ou dos dois lados, onde, segundo o senhor Getúlio, construtor de casas,  para deixar a casa mais arejada, aproveitando o vento do verão, e receber as visitas, hábito ainda bastante comum e agradável entre os comunitários.

O Paraná de Terra Nova também propicia a moradia sobre as águas, onde podemos constatar em alguns trechos do paraná verdadeiras fileiras de flutuantes (foto 07). As pessoas que “optam” por esse tipo de moradia procuram tirar algumas vantagens; tais como o acesso  água em qualquer período do ano, para os comerciantes, o acesso dos fregueses e a função de entreposto dos produtos agrícolas que serão transportados para Manaus (foto 08). Mas o período da vazante, com suas chuvas fortes de verão, é sempre um problema para esses moradores, pois a possibilidade de deslizamento de terras  intensificada, colocando em risco a segurança dos flutuantes e moradores. A esse respeito, observemos o relato de uma moradora de Flutuante:

“... o flutuante, o problema maior dele é a caio (deslizamento) de terra porque sempre pelo comum a gente tinha todos os ano que tirar ele daqui, porque caia muita terra aqui nessa área... aí a gente tirava pro outro canto, pro outro terreno de outras pessoa... cai terra todo tempo, ainda mais quando t secando ela gosta muito de cair, às vezes quando t cheio, cai muita terra também.” (Vanda, comerciante de flutuante)

Morar em flutuantes implica também algumas restrições: como não poder usar folhas de amianto para cobrir a casa; o movimento das águas, causado principalmente pela ação do vento e das embarcações maiores, faz os alumínios rasgarem rapidamente. Sendo assim, quem mora em flutuante tem um intervalo de tempo menor, em relação quem tem casa em terra, para reformar sua casa. O processo de enchente-vazante obriga os moradores a deslocarem os seus flutuantes constantemente para melhor adequá-lo à margem do paraná, conforme declara o senhor Nelson:

“morar em flutuante não é bom negócio. Tem ano que seca muito isso aqui, forma uma praia medonha, aí o cara tem que tirar lá pra baixo. Tem que disligar fio, fazer ligação de novo. Vai secando tem que ir empurrando pra fora, bate muito banzeiro. Uma casa bem feita em terra agenta 20 anos sem mexer e aqui (no flutuante) não agenta sete anos. O alumínio rasga tudo e as taubas apodrece, tudo  n’gua .” (Nelson, residente em flutuante).

Vale ressaltar que alguns moradores de flutuantes não têm terreno próprio, localizando às vezes o seu flutuante em frente do terreno de um compadre, parente, comprometendo-se, em troca, vigiar o terreno e, quando aproveita este para a agricultura, reparte a produção com este amigo. A construção de flutuantes exige tipos de madeiras especiais que tenham durabilidade sobre as águas, por exemplo, as bóias que servem de alicerce para o flutuante, grandes troncos de árvores, deve ser de açacuzeiro. Já as vigas, que ficam sobre as bóias na transversal, geralmente é de maçaranduba. Para as paredes é aproveitado madeiras de itaúbas, loro-mamori e jacareúba. Algumas dessas madeiras, como o açacuzeiro, é encontrada nos fundos dos terrenos no paraná, mas, atualmente, a maioria é encomendada de terra firme ( Autazes, até mesmo Manaus). Algumas pessoas que tem casa em terra, principalmente que tem crianças menores, rejeitam qualquer possibilidade de morar em flutuantes, pois temem o perigo das terras caídas e o fato do rio ser tema de diversas histórias de sumiço não explicados de pessoas, “é um rio que esconde feras”.



Foto 06 – casa suspensa no P. de Terra Nova/2005.  
Autor: Cardoso, Ricardo.



Foto 07 – fileira de flutuantes no P. de T. Nova/2005.  
Autor: Cardoso, Ricardo.



Foto 08 – flutuante comercial no P. de T. Nova/2005.  
Autor: Cardoso, Ricardo.

Para finalizar, torna-se importante ressaltar a importância do processo de enchente-vazante na organização produtiva dos ribeirinhos que habitam o Paraná de Terra Nova. Estes, além de trabalhar a terra, trabalham também a água e a floresta que são elementos importantes na sua relação cultural com o lugar. Na pesca, nota-se, em virtude da necessidade de conservação dos lagos de pesca por parte dos pescadores locais, a existência de conflitos entre estes e os pescadores da pesca comercial, principalmente os externos, resultando numa certa “apropriação” dos lagos existentes no interior da ilha do Careiro da Várzea. Quanto aos tipos de moradias, cabe destacar as técnicas que os moradores desenvolveram para responder aos desafios impostos pela dinâmica da natureza,

como as casas flutuantes e suspensas, que vão marcar de forma peculiar a paisagem no Paraná de Terra Nova.

#### **Referências bibliográficas**

- FRAXE, Therezinha J. P. **Homens Anfíbios: etnografia de um campesinato das águas.** Annablume, São Paulo, Fortaleza. Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Ceará. 2000.
- NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e Representação Gráfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas.** Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2001.
- RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia.** In: Boletim de Geografia 4(7). Rio Claro – SP, 1979, pág.1-25.
- STERNBERG, Hilgard O’ Reilly. **A Água e o homem na Várzea do Careiro.** 2ª Edição. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém – Pará, 1998.
- BUTTNER, Anne. **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectiva da Geografia.* 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-193.